TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

12.1.55

Capital cultural?

Foi o Governador Lacerda dizer que o Rio é a capital cultural do Brasil, e *O Estado de São Paulo* saltou de lá, em artigo de fundo, indignado. Capital cultural? Já foi. Hoje é São Paulo, e não é de hoje: "desde que, no Govêrno de Armando de Sales Oliveira, se fundou em São Paulo a primeira Universidade digna dêsse nome no território nacional... passamos a considerar passível de dúvida uma afirmativa como a que acaba de fazer o grande líder da democracia brasileira".

Não há, com a possível exceção da *Tribuna da Imprensa*, jornal mais lacerdista que *O Estado;* mas, alto lá! Transcrevo êste período típico de seu estilo editorial: "Julgamos manter-nos aquém dos limites da realidade se dissermos que será muito difícil a alguém apresentar provas de que não ultrapassamos ainda nos nossos institutos de alta cultura o nível atingido no mesmo terreno pelo Rio de Janeiro."

O Governador Lacerda, se quiser, que apresente essas provas; êste cronista, visivelmente cachoeirense (de Cachoeiro de Itapemirim, capital secreta do Brasil), não entra nessa briga.

Mas é curioso ver como *O Estado* faz "pesar a balança em favor de São Paulo". Além da Universidade fundada no Govêrno Armando de Sales Oliveira (por coincidência cunhado do diretor de *O Estado*) há dois aspectos da vida carioca "com o caráter de um fenômeno — pelo menos em um certo sentido — de regressão social."

E diz quais são: o "carnaval, tal como é hoje praticado", e "seu irmão gêmeo, como manifestação coletiva, o culto a Iemanjá". Êste culto é apontado pelo *O Estado* como manifestação de "corrupção e degradação religiosa" e aprendemos que "a macumba e a umbanda são outras tantas mistificações com que os desregramentos da ditadura a seus servidores tentaram distrair a atenção da nacionalidade dos seus verdadeiros deveres". Culpa, portanto, do finado Vargas.

Quanto ao carnaval de hoje, o jornal fala da "recrudescência da mentalidade primitiva do tribalismo negro que se nos revela na exibição, sem beleza e sem elegância, das escolas de samba".

E dizer que o Govêrno do Estado dá prêmios em dinheiro a essas escolas! Saia dessa, Governador.

Festa bonita

Deixando de lado a questão de saber qual é a capital cultural do País, confesso que fiquei comovido, lendo o vasto editorial de *O Estado*, com a descrição que ali se faz do carnaval do Rio "nas primeiras décadas deste século".

No Rio, "os três dias de folguedos e de expansão da alma da Cidade assumiam as proporções de uma manifestação em que a índole profunda da nacionalidade se revelava em tôda a sua beleza e harmonia. Centenas de milhares de indivíduos vinham para as ruas dar largas ao que lhes ia no íntimo do sêr, sem jamais ultrapassarem os limites da decência e do comedimento".

E mais: "Era o sentir unânime da nacionalidade que transbordava em delicioso ritmo e incomparáveis *trouvailles* do estro popular naqueles três dias do ano."

Mas, "tudo isso desapareceu..."

Nota-se, no editorialista de *O Estado* — talvez, quem sabe? — o próprio Dr. Julinho, uma funda saudade do carnaval antigo do Rio, que "inclui os ranchos e os cordões" e também (isto não está dito, mas eu imagino), a brincadeira ali na calçada do Jóquei.

Ah, também me lembro! Eu era jovem, naquele tempo, e a índole profunda da nacionalidade se revelava em coisas assim: *Eu vi, eu vi — você bolinar Lili...* ou *Essa negra quer me dar* ou *A hora é boa de virar pangaio*, ou *O tatu subiu no pau* ou *Ela é bonitinha, mas tem a triste sina; toma cocaína...* ou *Mamãe eu quero mamar; dá a chupeta...* e tanta coisa mais que exprimia o sentir unânime da nacionalidade!